

A questão da liberdade segundo Henri Bergson: Confronto entre o mecanicismo e o dinamismo

Wellington Santos¹

Resumo: O presente texto tem como objetivo apresentar uma compreensão do complexo conceito de liberdade no pensamento filosófico moderno. Tomaremos como referência a teoria de Henri Bergson sobre essa questão, discutindo sobre os dois sistemas opostos de natureza, usados para conceituar a liberdade, que são o mecanicismo e o dinamismo. Buscaremos elucidar o caminho percorrido pelo autor sobre a liberdade e como ele é aplicada em cada um desses paradigmas. Ao fim, discursaremos sobre a definição de ato livre e sobre os apontamentos que leva Bergson a dizer que toda definição de liberdade dará razão ao determinismo.

Palavras-Chave: Liberdade. Ato Livre. Mecanicismo. Dinamismo. Determinismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar uma compreensão do conceito de liberdade no pensamento filosófico moderno, considerando a complexidade conceitual que gira em torno deste tema. Para isso, tomaremos a teoria do filósofo francês Henri Bergson sobre essa questão. Ele usa apontamentos sobre os dois sistemas opostos de natureza, o mecanicismo e o dinamismo, para conceituar a liberdade. Essa pesquisa pretende elucidar o caminho percorrido por Bergson ao filosofar sobre a liberdade e indicar como ela é aplicada em cada um desses paradigmas. Discorreremos, ainda, sobre a definição de ato livre e sobre as considerações que levaram Bergson a dizer que toda definição de liberdade dará razão ao determinismo e que os atos de liberdade, como atos de criação presente na ação do sujeito inovador da moral, criarão o caminho para a democracia.

Henri Bergson entende a liberdade como uma experiência subjetiva, que se manifesta na nossa capacidade de escolha e criação de novas possibilidades. Pensada dessa forma, a liberdade não pode ser definida de forma abstrata, mas deve ser compreendida como uma força vital que se expressa na nossa relação com o mundo. Bergson argumenta que a liberdade não é algo que possa ser obtido por meio de leis ou de sistemas políticos, mas é algo que deve ser buscado individualmente, por meio da intuição e da criatividade. Segundo ele, a liberdade se manifesta na nossa capacidade de “criar algo novo”, de ultrapassar os limites impostos pelas convenções sociais e pelas formas estereotipadas de pensamento, e buscar um ideal mais elevado de justiça e compaixão. Esta é a atitude do místico, do herói, figuras que Bergson evoca como os que podem provocar uma inovação moral, inspirando uma constante superação de si mesmo, como meio de aprimoramento pessoal e ético.

1 Mestrando em Filosofia, na linha de pesquisa Ética, Filosofia Política e Sociedade, pela FAJE. Pós-graduado em Filosofia Contemporânea pela PUC Minas, graduado em Filosofia e Teologia pela PUC Minas. Padre da Arquidiocese de Belo Horizonte. E-mail: wellin.san@gmail.com

1 O MECANICISMO E O DINAMISMO

Henri Bergson considera que a questão da liberdade coloca em confronto o que ele chama de dois sistemas opostos de natureza: o mecanicismo e o dinamismo. Vale pontuar que essa oposição entre o dinâmico e o mecânico era corrente no tempo de Bergson. A oposição se dá pelo fato de que o dinamismo parte das ideias dadas pela consciência e, pouco a pouco, vai se esvaziando, até chegar à representação da inércia. Ele concebe lado a lado uma força livre e uma matéria governada por leis. Já o mecanicismo segue o caminho inverso do dinamismo. Ele supõe que as ações são regidas por leis necessárias e ainda que alcance maior engenhosidade, tornando-se cada vez mais difícil de prever, ele não sai do círculo estreito da necessidade, que ele assumiu desde o início (BERGSON, 2020, p. 91).

Aprofundando essa relação oposta de natureza entre o dinamismo e o mecanicismo, vemos que elas implicam em duas hipóteses muito diferentes sobre a lei e os fatos regidos por ela. O dinamismo percebe os fatos que se desvinculam cada vez mais das leis, e erige o fato como realidade absoluta e a lei como expressão mais ou menos simbólica. O mecanicismo, por sua vez, vai desvendando as leis no fato particular, de forma que a lei é que se torna a realidade fundamental.

Bergson aponta que essa oposição se dá pela forma como essas duas realidades opostas compreendem a palavra simplicidade. Para o mecanicismo, é simples todo princípio cujos efeitos são previsíveis e calculáveis. Ora, nesse caso a noção de inércia é mais simples que a noção de liberdade, o homogêneo é mais simples que o heterogêneo, o abstrato mais simples que o concreto. Já para o dinamismo não há preocupação em estabelecer a ordem mais cômoda entre as noções ou reencontrar sua real filiação. O simples é a fusão de várias noções mais ricas que delas mesmas parecem derivar e são neutralizadas umas pelas outras nessa fusão. Nisso a espontaneidade é mais simples que a inércia, pois a primeira se basta a si mesma, enquanto a segunda só pode ser compreendida e definida pela primeira. Assim diz Bergson: “De fato, cada um de nós tem o sentimento imediato, real ou ilusório, de sua livre espontaneidade, sem que a ideia de inércia entre de algum modo nessa representação” (BERGSON, 2020, p. 92).

As considerações feitas até aqui, nos levam a compreender, *a priori*, porque chegamos a duas concepções opostas da atividade humana. São opostas pelo modo pelo qual entendemos a relação entre concreto e abstrato, entre o simples e o complexo, entre os fatos e as leis.

2 O DETERMINISMO FÍSICO

Passemos a pensar sobre o determinismo físico, que está intimamente ligado às teorias mecânicas. Nós representamos o universo como um amontoado de moléculas e átomos que estão em constante movimento, sejam vibratórios ou de translação. Os fenômenos físicos, as ações químicas, as qualidades da matéria (calor, som, eletricidade, atração) se reduziram a esses movimentos elementares. Considerando a matéria que formam os corpos organizados submetidos às mesmas leis, dizemos que o sistema nervoso seriam moléculas e átomos que se

movem e repelem uns aos outros. Essa consideração mecânica do universo, dos corpos, nos leva a compreender que em determinado momento o cérebro será modificado pelo choque que o sistema nervoso percebe da matéria ao seu redor. Com isso, os sentimentos, as sensações e ideias podem ser definidos como resultantes mecânicos. O inverso também pode se produzir. Os movimentos das moléculas e átomos do corpo podem produzir uma reação do nosso organismo ao mundo ao seu redor. Considerando que o princípio de conservação de energia é inflexível, a posição dos átomos, seja no sistema nervoso ou na imensidão do universo, poderia ser determinada pela soma das ações mecânicas que os outros átomos exerceram sobre ele. Eis uma consideração mecanicista:

O matemático que conhecesse a posição das moléculas ou dos átomos de um organismo humano em certo momento, bem como a posição e o movimento de todos os átomos do universo capazes de influenciá-lo, calcularia com uma precisão infalível as ações passadas, presentes e futuras da pessoa a quem esse organismo pertence, do mesmo modo como prevemos um fenômeno astronômico (BERGSON, 2020, p. 93).

Bergson aponta que existe um paralelismo sobre a explicação mecânica entre os estados fisiológicos e psicológicos. Ele exemplifica descrevendo, fisiologicamente, como uma pessoa percebe uma nota musical, a partir de certa vibração do tímpano, de certa excitação do nervo auditivo. Ao que ele diz: “Por outro lado, ninguém jamais sustentou que estaríamos livres, dadas determinadas condições, para ouvir a nota ou perceber a cor que quiséssemos” (BERGSON, 2020, p. 95). Psicologicamente, temos o exemplo de um músico invisível que executa a música atrás do palco e um ator que habilmente movimenta sua mão sobre o teclado sem produzir som algum. A consciência viria se superpor às vibrações moleculares e independente da imagem a que nos reportarmos não demonstraremos que o fato psicológico é necessariamente determinado pelo movimento molecular, pois no movimento encontramos a razão de outro movimento, não a de um estado de consciência. Bergson pontua, que a nossa consciência nos adverte que a maior parte das nossas ações é explicada por motivos. Assim nasce o determinismo associacionista. Os fatos psicológicos mais simples vêm se colocar sobre fenômenos físicos bem definidos e a maior parte das sensações parecem estar ligadas a determinados movimentos moleculares. “Em suma, o pretenso determinismo físico se reduz, no fundo a um determinismo psicológico” (BERGSON, 2020, p. 100).

O determinismo associacionista descreve o eu como uma série de estados psíquicos, entre os quais o mais forte é preponderante e arrasta os demais consigo. Essa doutrina acaba por distinguir os fatos psíquicos. Bergson traz como exemplo para elucidar essa questão a reflexão de Stuart Mill: “Eu poderia ter me recusado a matar se minha aversão pelo crime e meu medo das consequências tivessem sido mais fracos que a tentação que me levou a cometê-lo” (BERGSON, 2020, p. 101). O filósofo inglês aponta a distinção entre o eu: “O conflito tem lugar [...] entre o eu que deseja um prazer e o eu que tem remorsos” (BERGSON, 2020, p. 101). Essa concepção abordada nas linhas anteriores nos ajudam a elucidar a compreensão

de livre-arbítrio, para entendermos como Bergson pensa a liberdade. Para isso vamos invocar Descartes, que nos diz: “Sempre é possível deixarmos de seguir um bem claramente conhecido ou de admitir uma verdade evidente, quando pensamos que é um bem, desse modo afirmar nosso livre-arbítrio” (DESCARTES, 2008, p. 1177). Entendemos que também para Descartes a liberdade é escolha absoluta entre motivos em conflito. Um paradoxo surge nesse sentido. Quando um desses motivos em conflito é a própria afirmação da liberdade, o que pode parecer um motivo tão forte que faz a escolha tender no seu sentido. Disso, a própria afirmação da liberdade, ou seja, a própria afirmação do caráter absoluto da escolha, ao ser escolha que sobrepõe o motivo oposto, acaba por **determinar** a própria escolha e, assim, por destruir a própria liberdade.

Bergson aponta uma sugestão para entendermos a complexa questão da liberdade. Ele fala de atos livres ou atos de liberdade. Ele diz: “É da alma inteira que a decisão livre emana, e o ato será tanto mais livre quanto mais a série dinâmica à qual se liga tender a se identificar com o eu fundamental” (BERGSON, 2020, p. 106). Com isso, ele diz que os atos livres são raros, mesmo entre as pessoas que mais observam a si mesmas e procuram raciocinar sobre o que fazem.

Voltando à consideração sobre o livre-arbítrio, que compreende que o indivíduo tem diante de si uma encruzilhada, com opções a serem escolhidas, trazemos a reflexão sobre o efeito retroativo do juízo verdadeiro de Bergson, para mostrar o equívoco no qual muitas vezes se cai. Pois, costumamos dizer que foi uma escolha dotada de liberdade depois do fato ser escolhido. No decorrer da experiência constata-se que o sujeito talvez nem tenha pensado que teria outra opção.

Essa é a ideia genial dos efeitos retroativos de um juízo considerado verdadeiro. Se é verdade hoje, deve ter sido sempre. Essa ilusão oculta o movimento criativo e a força dos atos livres. Ela também nos leva a uma pretensão dominadora do futuro, a partir de um ideal de previsibilidade que é, simplesmente, impossível para eventos complexos.

Pelo simples fato de se realizar, a realidade projeta atrás de si sua sombra no passado indefinidamente distante; parece assim ter preexistido, na forma de possível, à sua própria realização. De onde um erro que vicia nossa concepção do passado; de onde nossa pretensão de antecipar em qualquer circunstância o porvir (BERGSON, 2006b, p. 17).

Este efeito retroativo do juízo verdadeiro projeta uma miragem do presente no passado. Uma novidade do presente, um novo conhecimento, seria lido de forma retrospectiva criando essa falsa impressão de que as condições dessa nova ideia já estavam postas, que só faltaria um passo para esse reconhecimento. Digamos que as condições estavam postas, mas não a ideia na forma de uma possibilidade. Assim Bergson diz na obra *O Pensamento e o Movente*:

Que no passado, tal como foi descrito pelos contemporâneos, nos

encontrávamos uns seus sinais batedouros, é algo incontestável; mas as indicações talvez as mais interessantes só teriam sido anotadas por eles se tivessem sabido que a humanidade caminhava nessa direção; ora, essa direção de trajeto não estava mais marcada do que outra qualquer, ou antes, não existia ainda, tendo sido criada pelo próprio trajeto, quero dizer, pelo movimento avante dos homens que progressivamente conceberam e realizaram a democracia (BERGSON, 2006b, p. 19).

CONCLUSÃO

O mecanicismo e o dinamismo são movimentos opostos de natureza para o entendimento da liberdade. O sujeito tem à sua frente opções para escolha. Alguns dirão que ele tinha liberdade para escolher qualquer das escolhas. Os deterministas dirão que ele escolheu segundo um roteiro previamente apresentado. Com isso, o determinismo se liga ao mecanicismo. O dinamismo está ligado ao ato livre.

A concepção de liberdade de Bergson é um conceito que evita a compreensão da encruzilhada, que se impõe como dois caminhos e o ato livre é um processo pelo qual o sujeito livre se expressa. Dizer que o sujeito poderia ter escolhido outra opção, pode ser refutado pela reflexão do efeito retroativo do juízo verdadeiro, como vimos acima.

A ideia de Bergson é que não se define a liberdade. Um nega a liberdade, diz que ela não existe, que é determinismo. Outro tenta definir a liberdade, como esse poder de escolher, de refazer uma escolha. Aqui está a compreensão de livre-arbítrio. Para elucidar essa questão ele diz que o problema da liberdade nasceu de um mal-entendido. Ele diz que foi para os modernos o que foi os sofismas da Escola de Eleia para os antigos. Trazemos um desses sofismas, o paradoxo de Zenão sobre a disputa de corrida entre Aquiles e a Tartaruga. Zenão está por falar do movimento. Conta a história que o herói grego Aquiles, num ímpeto de generosidade, disputando uma corrida com uma tartaruga, dá a ela uma pequena vantagem, deixando que ela partisse à sua frente. Para o filósofo grego Zenão, por mais que Aquiles se movesse muito rápido, ele jamais conseguiria ultrapassar a tartaruga. Assim se postula o paradoxo. Aquiles nunca pode alcançar a tartaruga, porque na altura em que atinge o ponto donde a tartaruga partiu, ela ter-se-á deslocado para outro ponto; na altura em que alcança esse segundo ponto, ela ter-se-á deslocado de novo e assim sucessivamente, *ad infinitum*. A conclusão de Zenão contraria a do senso comum, de que Aquiles teria uma vitória esmagadora sobre a tartaruga. Zenão estava demonstrando que o movimento é um fenômeno irreal e contraditório, consistindo numa mera ilusão dos sentidos.

O movimento é contínuo, embora eu possa dividi-lo ao infinito. O problema moderno da liberdade está nesse problema, quando tentam fragmentar a liberdade, sem considerar sua condição de continuidade. Se quer matematizar, analisar, o que não pode ser analisável. O que se liga ao próprio conceito de duração. A duração é o tempo qualitativo, diferente do tempo

quantitativo, que é a contagem das horas. Assunto denso, que podemos analisar em outro momento. Voltando, se tento analisar o ato de liberdade, eu nego o próprio ato de liberdade. A lógica não está preparada para os atos espirituais, ou seja, os atos do ser humano como espiritual ou atos humanos, que são do espírito. A Lógica é analítica por excelência.

Em suma, não podemos definir a liberdade de forma simples. A liberdade é a capacidade de autodeterminar-se, do ponto positivo. Do ponto de vista negativo, a liberdade é determinada, determinismo. O livre-arbítrio é a capacidade de escolher, calcular o que é melhor. Os atos livres são expressões do nosso ser concreto, segundo Bergson. São expressões originais. Fulano fez isso com essa intenção, já não é mais um ato de liberdade, é mais um ato de livre-arbítrio. A liberdade pode ser comunicada por via de descrição, pela via narrativa, mas a liberdade não pode ser definida. Não pode ser traduzido, o ato de liberdade, no espaço. O tempo transcorrido limita a liberdade. O ato livre se produz no tempo que transcorre.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *As duas fontes da Moral e da Religião*. Lisboa: Edições 70, 2019.
- BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade*: a propósito da teoria de Einstein. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*: ensaios e conferências. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. São Paulo: Edipro, 2020.
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010a.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DESCARTES: *Oeuvres et lettres*, Paris, Gallimard, 2008, p. 1177
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Ontologia e liberdade em A evolução criadora: A criação. In: PINTO, Débora Cristina Morato; MARQUES, Silene Torres (Orgs). *Henri Bergson: crítica do negativo e pensamento em duração*. São Paulo: Alameda, 2009. p. 23-33.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Tempo: experiência e pensamento. *Revista USP*, n. 81, p. 6-17, março/maio 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13727/15545>. Acesso em: 1 mar. 2022.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Escala, 2007.
- RICOEUR, Paul. *O justo*: A justiça como regra moral e como instituição. Vol 1. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SANDEL, Michael J. *Justiça*: O que é fazer a coisa certa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- WORMS, Frédéric. *Bergson ou os Dois Sentidos da Vida*. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2010.